

MODELAGEM COM ARGILA PARA CRIANÇAS – UM ESTUDO DE CASO

Denise Castanha de Avila de Lemos (Artes Visuais – Licenciatura/Centro de Artes/UFPel)

denlemos@gmail.com

Maristani Polidori Zamperetti (Centro de Artes, PPGE/FaE/UFPel)

maristaniz@hotmail.com

RESUMO

A partir de referenciais bibliográficos da Arte Cerâmica e Ensino de Arte (SOARES, 2013), o texto relata o desenvolvimento de uma pesquisa do tipo estudo de caso que consistiu na observação, análise e reflexão de produções artísticas infantis com argila. A atividade foi realizada no ambiente familiar da criança, em momentos diferentes: individual e em grupo. Concluiu-se que a modelagem é muito importante para desenvolver a criatividade da criança, bem como sua coordenação motora fina, podendo ser trabalhada no âmbito familiar desde os primeiros anos, a fim de que as crianças tenham na aprendizagem o apoio necessário para desenvolver a arte com maior segurança e liberdade. Amassar a terra e dar-lhe forma são gestos primitivos que influem consideravelmente na coordenação de todos os movimentos, gerando desequilíbrios que necessitam ações de reorganização das massas, desenvolvendo a confiança e o domínio corporal.

Palavras-chave: Artes Visuais; Cerâmica; Arte na Infância; Modelagem.

INTRODUÇÃO – A ARTE E SEU ENSINO

A cerâmica está presente no Brasil desde antes de sua descoberta. Os índios, primeiros habitantes do país, produziam seus objetos utilizando a argila como matéria prima, produzindo uma cerâmica rudimentar, por volta de 5.000 anos atrás. A cerâmica tem seus primórdios na Ilha de Marajó, local onde se desenvolveu uma avançada cultura indígena que floresceu na Ilha. Com o passar dos anos, grandes artistas escultores fizeram da argila o material base para sua obra.

As qualidades plásticas da argila não impõem restrições às possibilidades formais de construção. “É uma massa maleável e permite, pela pressão das mãos, com ou sem ferramentas, a criação de infinitas formas fiéis ao gesto e passíveis de transformações pela ação do fogo, que as solidifica em pedras” (SOARES, 2013).

É possível citar três importantes artistas que viveram no século XX: Mestre Vitalino, Mestre Galdino e Celeida Tostes.

Mestre Vitalino (1909-1963) se notabiliza por suas figuras inspiradas nas crenças populares, em cenas do universo rural e urbano, no cotidiano, nos rituais e no imaginário da população do sertão nordestino brasileiro (Figura 1).



Figura 1: Na imagem à esquerda, 1: “Retirantes”, cerâmica, s/data. Na imagem à direita, 2: “Banda de Músicos”, cerâmica policromada, s/data. **Fonte:** <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/>

Com apenas 6 anos de idade Vitalino aproveitava as sobras do barro utilizado por sua mãe na fabricação de cerâmicas utilitárias, e fazia pequenos animais, como bois, vacas e cavalos, que eram vendidos na feira. Posteriormente, aprimorou sua técnica e passou a retratar cenas e temas do cotidiano da região. “A produção do artista passou a ser iconográfica e inspirou a formação de várias gerações de artistas, especialmente no Alto do Moura em Caruaru” (ARTE POPULAR DO BRASIL, 2015).

Mestre Galdino (1928-1996) principiou na cerâmica a partir de uma tradição de artesãos da região de Caruaru (Pernambuco). Apresenta criatividade e originalidade na modelagem de suas esculturas surrealistas. São obras figurativas inusitadas, modeladas em argila e queimadas em forno a lenha (VITORIO, 2013; ITAÚ CULTURAL, 2015) (Figura 2).



Figura 2: Na imagem à esquerda, 1: “Seres da Natureza”, cerâmica, s/data. Na imagem à direita, 2: “Carranca de São Marcos”, cerâmica, s/data. **Fonte:** <http://historia-da-ceramica.blogspot.com.br/search/label/Brasil>

Celeida Tostes (1929-1995) pode ser lembrada pela intervenção performática "Rito de Passagem", que marca sua relação com o barro, no qual a artista é totalmente envolvida por recipiente construído com argila, que vai sendo modelado ao redor dela, similar a uma ânfora. Metaforicamente, a artista desliza para fora deste útero simbólico, rasgando-o e renascendo (Figura 3) (SILVA, 2006; ITAÚ CULTURAL, 2015).

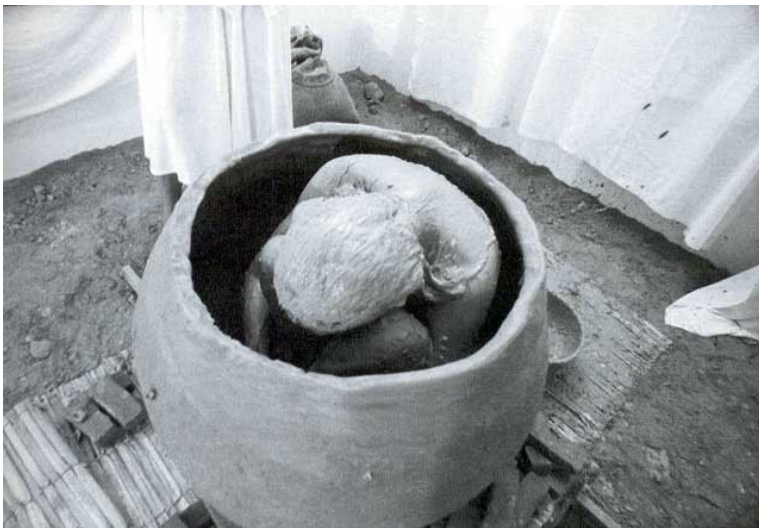


Figura 3 (direita e esquerda): A artista Celeida Tostes em dois momentos da performance “Rito de Passagem” **Fonte:** <http://historia-da-ceramica.blogspot.com.br/2009/03/celeida-tostes.html>

A produção dessa artista conduz a cerâmica para além da funcionalidade, colocando-a como uma forma de exercício experimental no âmbito da pesquisa na arte contemporânea. O tema da feminilidade é um fio condutor de sua obra, acompanhado dos demais temas a ele relacionados: fertilidade, sexualidade, maternidade, fragilidade e resistência, nascimento e morte, corpo (ITAÚ CULTURAL, 2015).

Celeida Tostes teve importante inserção no campo da educação através da arte. Em 1960, trabalhou no projeto do educador Anísio Teixeira, diretor do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), na ocasião. O objetivo era alcançar as crianças que abandonavam a escola depois do curso primário (1ª à 4ª série do primeiro grau), capacitando professores que vinham estudar no Rio de Janeiro como bolsistas. Posteriormente, nos anos de 1970, além de exercer a docência na Escola de Artes Visuais do Parque Lage¹, dedicou-se ao projeto “Como Somos”, realizado com alunos da 7ª série do primeiro grau. Desta forma, procurava “[...] recuperar a importância do tato, a consciência do próprio corpo, o toque e a sensibilização. Foram realizadas experiências artísticas partindo da pele dos alunos” (SILVA, 2006, p. 33-34).

No artigo “Como Somos”, publicado na revista do Centro Educacional de Niterói, Rio de Janeiro, a artista afirma que:

Desde as primeiras atividades com crianças dentro de escolas, vi como eram desconhecidas para elas coisas muito próximas e simples. Sentir a água, observar o chão, as árvores ou seu corpo. Foram meninos e meninas de meios socioeconômicos bastante diversificados [...], adolescentes uns, com sete e dez anos outros. Era como se houvesse pouco uso dos sentidos. Poucos seriam capazes de dizer alguns detalhes de sua pele, de sua mão, ou da própria sala de aula. Mais uma vez, a “distância” do que está próximo. Era a falta de exercício das possibilidades de usar (TOSTES, 1992).

Conhecendo as possibilidades da argila e das produções cerâmicas, seus aspectos históricos e artistas que vêm marcando o cenário brasileiro artístico e educacional, é importante pensar também na sua importância e validade no desenvolvimento emocional, social e criativo de crianças, jovens e adultos.

¹ Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Celeida “[...] implantou a Oficina das Artes do Fogo e Transformações de Materiais, na qual desenvolvia com os alunos um trabalho sensorial, experimental e uma meticulosa pesquisa e manipulação de materiais do universo cerâmico, pigmentos e, também, materiais que hoje seriam classificados como reciclados: sobras da natureza e lixos produzidos pelo homem” (SILVA, 2006, p. 34).

A argila tem sido utilizada nos anos iniciais da escolarização, ainda que em pouca escala, se comparada a outros materiais artísticos. Porém, como assegura D'Antino (1989, p. 30), é “[...] muito difícil encontrarmos uma criança que tenha dificuldade em manusear o barro, porém isso pode acontecer e eventualmente precisar ser trabalhado. Em geral, é o material preferido pelas crianças e infelizmente o menos permitido”.

Os trabalhos com argila nas escolas são pouco estudados e/ou pesquisados, o que poderia ocasionar diversas aprendizagens para os professores. Geralmente, as atividades se limitam à exploração do material, e estes objetos criados são negligenciados, diferente do que ocorre com desenhos e pinturas, por exemplo. As crianças utilizam a modelagem como uma atividade fabuladora ou expressiva, participando ativamente do processo de criação, produzindo sucessões de imagens, signos, símbolos, que às vezes são mais considerados por ela no momento em que aparecem, do que no resultado final do trabalho (FERRAZ E FUSARI, 1993).

Esses fatos são muito importantes para o conhecimento da produção das crianças, que mostram o desenvolvimento e expressão de seu “eu” e do mundo em que eles vivem. A argila proporciona no trabalho direto com sua massa, as condições de dominar a materialidade, tendo em vista que se trata de um material vivo, que por si só tem uma ação que conduz ao equilíbrio. Amassar a terra e dar-lhe forma são gestos primitivos, que influem, consideravelmente na coordenação de todos os movimentos. Esse material também desenvolve a autoconfiança e o autodomínio (Figura 4).



Figura 4 (direita e esquerda): Crianças modelando com argila em sala de aula.
Fotografia: Maristani P. Zamperetti (2008)

Outro ponto a ser considerado é a liberdade proporcionada pelo trabalho com argila:

A manipulação do barro é um meio eficaz no processo de liberdade do indivíduo, propicia lazer e ainda liberta os movimentos, desenvolvendo a percepção. A modelagem permite que expressemos nossos pensamentos sem precisar exprimir palavras: o movimento, a forma, o volume e o gesto trazem a linguagem viva do mundo interior, refletindo o caráter e o temperamento com fortes impressões da personalidade. (GABBAI, 1987, p. 15)

De acordo com Iavelberg (2006), este material traz satisfação e tranquilidade, pois a plasticidade da argila permite que a obra seja destruída e reconstruída com facilidade. Toda a ação externa reflete uma interioridade percebida pelo modelador. “A criança que modela o pato ou o pote modela a si mesmo e cria a vida, a sua vida” (SOARES, 2013, p. 33).

RELATO DE UMA PESQUISA – METODOLOGIA E ENCAMINHAMENTOS

Este texto parte de referenciais bibliográficos e relata o desenvolvimento de uma pesquisa do tipo estudo de caso que consistiu na observação, análise e reflexão de produções artísticas infantis com argila, construídas por Ana (nome fictício), de 03 anos de idade, e também por sua família².

O estudo de caso é uma forma de pesquisar uma situação específica, um fenômeno particular, para a compreensão de uma determinada relação de causa e efeito. Pode tratar de uma pessoa, um grupo ou uma situação específica, relacionando-se com uma situação cotidiana comum (MALHEIROS, 2011).

A atividade foi realizada no ambiente familiar da criança, em momentos diferentes: primeiro apenas a menina e depois ela e sua família.

O material utilizado foi a argila e algumas ferramentas adequadas ao trabalho de modelagem. Uma mesa grande foi preparada com papel pardo. Primeiramente a argila foi apresentada à Ana, deixando-a trabalhar por mais de uma hora. Logo após, foram

² A presente pesquisa foi realizada para a disciplina “Artes Visuais na Educação I”, do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, ministrada pela Profa. Dra. Maristani P. Zamperetti, no 1º semestre de 2015. A proposta e a aplicação da atividade foram realizadas pela autora deste artigo.

chamados os familiares para se juntarem à menina, e a proposta apresentada foi que, juntos modelassem algo que tivesse relevância para a família.

Ana ainda não frequenta a escola e é filha única. Uma menina bem falante, que gosta de conversar e fazer suas atividades sozinha. Quando o material foi apresentado, Ana cheirou, e logo começou a apertar e fez bolinhas, enquanto comentários sobre o material eram realizados pela proponente.

Quando comentei sobre a argila ser usada como utilitário para cozinha, na confecção de panelas, copos e outros objetos, ela apertou a bolinha que estava moldando e fez uma pizza. Depois fez biscoitos, mas terminava de modelar, me mostrava e amassava tudo novamente. Notei que ela estava gostando de moldar, mas com dificuldade de pegar novos pedaços de argila. Frente a isso, apresentei a faca de cortar barro, que é um fio de nylon com duas bases na ponta, e coloquei varias ferramentas de uso para modelagem. Ana, perguntou para que serviam, expliquei e ela sozinha testou todas. Quando perguntei como era a argila, ela respondeu que era geladinha, gostosa, mole e que o cheiro era diferente (CADERNO DE CAMPO, 2015) (Figura 5).



Figura 5: Produções desenvolvidas por Ana. **Fotografia:** Denise de Lemos (2015)

Durante a atividade, Ana fez um boneco, uma pizza, uma panela com biscoitos, uma panela com carne e usou a esponja como fogão, onde aqueceu a comida. Ela

brincou com as peças que moldava, não pediu ajuda, mas pedia para tirar foto das peças prontas, depois da foto ela amassava as peças e começava a moldar outra coisa. Conforme assegura Iavelberg (2006), um dos aspectos mais importantes do trabalho com argila é a sua característica tridimensional, diferente das linguagens bidimensionais mais utilizadas nas escolas – o desenho e a pintura.

Após uma hora de modelagem com a Ana, os familiares foram convidados a participarem das atividades. A proposta levada aos familiares era de que sentissem a textura, temperatura, a superfície da argila, e depois moldassem uma representação de um momento importante para família. Segundo Dessen e Polonia (2007, p. 22), a família é a “[...] primeira mediadora entre o homem e a cultura, [e] constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social”. É matriz da aprendizagem

[...] humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

Desta forma, foi considerado importante trazer a família para este momento de interação social, proporcionando trocas culturais e uma imersão no ambiente da arte.

A partir do momento que os familiares começaram as atividades, foi percebida uma diferença no comportamento da pequena Ana. Ela colocou argila na cabeça, sujou o rosto, e não quis trabalhar em conjunto com a família. Enquanto seus pais e padrinhos faziam a modelagem, ela fazia uma bola grande de argila. Passava a sensação de não querer dividir a brincadeira. Até o momento, esta é a hipótese que foi considerada, porém podem existir outras a serem pesquisadas.

Os familiares da menina fizeram uma igreja, mostrando a importância da religião na família, onde eles buscam apoio para mantê-los unidos e moldaram uma placa com todos da família, incluindo amigos e padrinhos da Ana (Figura 6).



Figura 5: Atividade desenvolvida pelos familiares de Ana.
Fotografia: Denise de Lemos (2015)

BREVES CONCLUSÕES

Com esse trabalho podemos perceber que a modelagem é muito importante para desenvolver a criatividade da criança, bem como sua coordenação motora fina, podendo ser trabalhada no âmbito familiar desde os primeiros anos. A modelagem beneficia todos os sentidos do ser humano, desde o movimento de estiramento do barro, criando figuras, descobrindo formas, dimensões, espaços, até a ampliação da percepção do mundo que nos rodeia. Buscando inserir estas famílias no processo de ensino e aprendizagem da criança, no que concerne às manifestações artísticas culturais, a modelagem com argila explicita a necessidade do apoio necessário para a criança desenvolver sua prática artística com liberdade, aprendendo com a arte da modelagem. Desta forma, a família contribuiu no incentivo ao desenvolvimento da arte, construindo, juntos, uma comunidade com valores culturais, ressaltando a importância da produção artística para o ensino e aprendizagem das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTE POPULAR DO BRASIL. MESTRE GALDINO. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/jaime-rojo-stein-harrington/wynwood-walls_b_4416142.html Acesso em: 27 out. 2015.

ARTE POPULAR DO BRASIL. MESTRE VITALINO. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/11/este-blog-sera-inaugurado-com-uma.html> Acesso em: 27 out. 2015.

D'ANTINO, Cecília. O Barro e a Expressão do Excepcional. In: CAMARGO, Luís (org.). **Arte-educação: da pré-escola à universidade**. São Paulo: Nobel, 1989.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 2007, vol.17, n.36, p. 21-32.

FERRAZ, Maria Heloísa de Toledo.;FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GABBAI, Miriam. **Cerâmica Arte da Terra**. São Paulo, SP: Callis Ltda.,1987.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. Prática e Formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2006.

ITAÚ CULTURAL. CELEIDA TOSTES. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21759/celeida-tostes> Acesso em: 27 out. 2015.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

SOARES, Margarete B. Nicolosi. Poemas da mão que amassa. In: ROSENTHAL, Dália; RIZZI, Maria Christina. **Artes**. São Paulo: Blucher, 2013. (Série a reflexão e a prática no ensino; v.9 / coordenador Márcio Rogério Cano).

SILVA, Raquel. **O Relicário de Celeida Tostes**. Dissertação de mestrado. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Rio de Janeiro, 2006.

TOSTES, Celeida de Moraes. **Memorial de Concurso para Titular de Cerâmica.** Rio de Janeiro. Departamento de Desenho Industrial da Escola de Belas Artes – Centro de Letras e Artes da UFRJ, 1992.

VITORIO, Rosângela. **MESTRE GALDINO: o ceramista poeta de Caruaru – PE.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2013.